

Letras móveis na alfabetização: percepções docentes Movable letters in literacy: teacher perceptions

Mariana Rocha Eller Miranda¹
Daniela Freitas Brito Montuani²

RESUMO: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado que buscou refletir sobre o uso de letras móveis em turmas de alfabetização, a partir da análise do discurso das professoras e da observação das práticas com esse recurso em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Neste artigo serão apresentadas análises referentes ao conteúdo das entrevistas realizadas com professoras da rede pública de ensino de Belo Horizonte. A análise das falas das docentes revelaram: (i) as motivações para o uso de letras móveis em sala de aula; (ii) reflexões sobre as diferenças na escrita com letras móveis e escrita no papel; (iii) uma variedade de possibilidades de uso de letras móveis em sala de aula, elencando aspectos referentes à materialidade, à frequência de uso e à variedade das propostas didáticas com esse recurso; e ainda, (iv) os desafios no uso de letras móveis em sala de aula, que perpassam questões que envolvem o acesso ao material, as tensões na gestão da atividade em sala de aula e dificuldades de realização de um planejamento significativo que equilibre as funções lúdicas e didáticas no uso desse recurso.

PALAVRAS-CHAVE: Letras móveis; Alfabeto móvel; Alfabetização; Recursos didáticos.

ABSTRACT: This article presents part of the results of a master's degree research that sought to reflect on the use of movable letters in literacy classes, based on the analysis of the teachers' discourse and the observation of practices using this resource in 1st year elementary school classes. In this article, analyses will be presented regarding the content of interviews carried out with teachers from the public school system in Belo Horizonte. The analysis of the teachers' speeches revealed: (i) the motivations for using movable letters in the classroom; (ii) reflections on the differences in writing with movable letters and writing on paper; (iii) a variety of possibilities for using movable letters in the classroom, listing aspects relating to materiality, use frequency and variety of teaching proposals using this resource; and also, (iv) the challenges in using movable letters in the classroom, which permeate issues involving access to the material, tensions in managing the activity in the classroom and difficulties in carrying out a meaningful planning that balances the playful and didactic functions in the use of this resource.

KEYWORDS: Movable letters. Movable alphabet. Literacy. Didactic resources.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7457-9994> Email: mariana.eller8@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora na Faculdade de Educação da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8501-541X> Email: danimontuani@gmail.com

1 Introdução

As experiências no campo da pesquisa e da prática em alfabetização revelam a importância da organização do trabalho pedagógico e da seleção criteriosa de procedimentos, de estratégias e de recursos didáticos para promover o processo de ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, ressalta-se a relevância do uso de materiais concretos e atividades lúdicas no contexto das práticas pedagógicas em turmas de alfabetização. Mesmo que os estudantes tenham deixado a Educação Infantil e avançado para o Ensino Fundamental, ainda continuam sendo crianças com essência lúdica e que, por isso, precisam explorar a língua escrita de forma envolvente e motivadora. Nesse sentido, a investigação e a reflexão sobre recursos didáticos, que propiciem um contexto lúdico na alfabetização, são de suma importância. Dentre esses recursos, as letras móveis emergem como um recurso didático relevante cujo potencial para uso em sala de aula requer uma discussão mais aprofundada.

Para a construção do objeto de pesquisa, foi realizada uma revisão de literatura inicial e foram encontrados autores que destacam a importância do uso de letras móveis no processo de alfabetização (Morais; Leite, 2005; Moraes, 2012), pesquisas que discutem os avanços na escrita e as reflexões das crianças a partir do uso de letras móveis (Jardim, 2018; Paiva, 2019; Macêdo, 2018; Montuani; Dutra, 2021) e que apontam as letras móveis como um material utilizado por professoras alfabetizadoras (Andrade, 2017; Neto, 2018). No entanto, os estudos encontrados não aprofundam nas possibilidades didáticas de uso de letras móveis em sala de aula, nem oferecem reflexões sobre as estratégias de mediação que podem ser utilizadas na exploração do material.

Portanto, tendo em vista a relevância dessa discussão, este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de mestrado, que teve como objetivo analisar os usos de letras móveis em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de Belo Horizonte. O foco, neste artigo, é apresentar as perspectivas das docentes sobre o uso de letras móveis em turmas de alfabetização. Em outros trabalhos, será aprofundada a análise, no contexto da sala de aula, das propostas didáticas observadas e das estratégias de mediação com letras móveis que as professoras desenvolveram, que também foi objeto da pesquisa.

2 Pressupostos teóricos

Para discutir o uso de letras móveis é necessário compreender que esse material se constitui como um recurso didático ou pedagógico. Esse termo diz respeito ao material “que

auxilia a aprendizagem, de quaisquer conteúdos, intermediando os processos de ensino-aprendizagem intencionalmente organizados por educadores na escola ou fora dela” (Eiterer, 2010, p. 1).

Os recursos pedagógicos são materiais que podem ser usados de diferentes maneiras, não tendo uma única funcionalidade na utilização em contexto escolar. Essas possibilidades de uso são definidas a partir das características do recurso, dos objetivos de aprendizagem e da criatividade e da intencionalidade docente. Dessa forma,

a escolha dos materiais aos quais lançar mão para desenvolver o trabalho pedagógico está intrinsecamente relacionada aos objetivos da ação docente e às concepções que sustentam essa ação: concepções sobre os próprios objetos de conhecimento e concepções de ensino e de aprendizagem (Araújo, 2018, p. 312).

Araújo (2018) evidencia que os recursos didáticos se configuram como a materialização da ação docente na medida em que são incorporados, de maneira planejada e coerente, à prática do professor, entrelaçando o fazer e o saber pedagógico. Além disso, os recursos didáticos “não são exatamente condição para a apropriação do conhecimento pelos alunos, mas meios, componentes de um espaço/tempo deliberadamente organizado para favorecer experiências de aprendizagem” (Araújo, 2018, p. 312). Leal e Silva (2011) também discutem a dimensão material do fazer pedagógico e afirmam que os recursos didáticos não são meros apetrechos ou ferramentas em uma relação estritamente técnica, mas se constituem como a materialização da ação docente. Destaca-se que o recurso didático, por si só, não garante a aprendizagem das crianças, mas ele está a serviço da proposta e da ação docente.

De acordo com Morais (2019), as letras móveis, como recursos didáticos na alfabetização, fomentam reflexões importantes sobre o sistema de escrita, pois

potencializam o trabalho cognitivo de montar/desmontar/remontar palavras, já que eles [os alunos] não têm que traçar letras, e sim selecioná-las num abecedário ou conjunto fornecido pelo adulto. [...] A forma escrita das palavras potencializa a reflexão sobre suas partes sonoras, o fato de o próprio aprendiz selecionar e ordenar letras “prontas”, que constituem unidades, “amplifica” sua capacidade de pensar sobre a notação escrita e sua relação com os segmentos sonoros que ela substitui (Morais, 2019, P. 187).

Nesse sentido, explorações com letras móveis podem favorecer o desenvolvimento da consciência grafofonêmica, uma vez que possibilitam o estabelecimento das correspondências grafema-fonema e reflexões metalinguísticas sobre essas relações. Ao manipular letras

móveis, “os aprendizes vivem de forma ainda mais explícita uma série de propriedades do sistema alfabético: a identidade das letras, sua ordem, as combinações e posições que podem assumir, a quantidade de letras das palavras, entre outras” (Morais; Leite, 2005, p. 85).

Além disso, as letras móveis podem ser utilizadas com o intuito de desenvolver uma memória tátil do formato das letras, por possibilitarem “a visualização e o manuseio das letras, podendo ser de materiais diversos, como madeira, plástico e papel” (Macêdo, 2019, p. 12). Na figura a seguir, estão alguns exemplos de letras móveis:

Figura 1 – Exemplos de letras móveis³



Fonte: Autoria própria.

Em uma perspectiva histórica do uso das letras móveis na alfabetização, destaca-se a influência de Maria Montessori. Em seu livro *A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica*, escrito em 1948, Montessori cita alguns materiais para o aprendizado da língua escrita e, dentre eles, dois se relacionam com esta pesquisa: as letras de lixa que são cartões lisos com letra do alfabeto aplicada, recortada em folha de lixa, em que as crianças passam o dedo no sentido do traçado das letras; e o alfabeto móvel.

Segundo Montessori (2017⁴), as letras em formato de lixa auxiliam as crianças a ativarem a memória motora do traçado e a memória visual da letra em questão. A autora ressalta que “quando a mestra faz ver e tocar a letra do alfabeto, as sensações visual, tátil e muscular intervêm simultaneamente” (Montessori, 2017, p. 212).

Montessori (2017) ainda destaca atividades para serem desenvolvidas com as letras de lixa, que exploram três dimensões por ela postuladas: sensações visuais e táteis-musculares associadas ao som alfabético; percepção, quando a criança deverá ser capaz de comparar e reconhecer as figuras, ouvindo os sons correspondentes às figuras; e linguagem, sendo

³ Essas letras móveis fazem parte do acervo da pesquisadora.

⁴ Foi utilizada a edição traduzida de 2017 do livro “A Descoberta da Criança: Pedagogia Científica”.

necessário que a criança saiba pronunciar o som correspondente aos sinais alfabéticos (Montessori, 2017).

Outro material citado por Montessori (2017) são as letras móveis propriamente ditas, não como ficha de lixa, mas de madeira e com letras cursivas. Montessori (2017) propôs atividades de pareamento de letras móveis com letras escritas em cartões, além da prática do traçado da letra cursiva: “depois de ter feito as crianças *sobreporem* a letra móvel à letra correspondente desenhada nos cartões em que tinham sido agrupadas, fi-las *tocar no sentido da escrita cursiva* várias vezes seguidas” (Montessori, 2017, p. 197). Outra atividade montessoriana com letras móveis é o ditado mudo, no qual a criança observa a imagem e monta a escrita com letras móveis.

É importante destacar que as possibilidades de uso das letras móveis podem ser ampliadas através da mediação docente, na medida em que a professora propõe reflexões que favorecem confrontos cognitivos e promovem situações efetivas de aprendizagem.

Para Vygotsky (1991), a aprendizagem humana é um processo intrinsecamente relacional, pois “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros” (Vygotsky, 1991, p. 101). Os estudos de Vygotsky tiveram implicações educacionais relevantes para se pensar a prática docente e o processo de desenvolvimento da criança:

Para designar esse intervalo entre o nível de desenvolvimento que a criança já alcançou – nível *de desenvolvimento real* – e sua capacidade de avançar – nível *de desenvolvimento potencial* –, Vygotsky formulou o conceito de *zona de desenvolvimento potencial* ou *proximal*, sobre a qual o professor pode atuar estimulando o processo de desenvolvimento (Soares, 2020, p. 53).

Após o professor identificar o nível de desenvolvimento real das crianças, ele poderá definir “procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte, atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua zona de desenvolvimento proximal” (Soares, 2020, p. 57).

3 Metodologia

A abordagem metodológica desta pesquisa foi de natureza qualitativa, uma vez que o tipo de investigação proposto buscou aprofundar a complexidade das experiências dos

sujeitos na relação com o objeto de pesquisa, visando à “compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” (Gaskell, 2002, p. 65).

Para atingir os objetivos foram selecionados dois instrumentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada e a observação. Para conduzir a entrevista, foi elaborado um roteiro com perguntas seguindo uma progressão lógica e plausível, servindo como um guia e referencial para o entrevistador (Gaskel, 2002).

Para a seleção das professoras participantes da pesquisa, foram considerados os seguintes critérios: atuar na rede pública de ensino, ser docente em turma de 1º ano do Ensino Fundamental e utilizar letras móveis em sua turma. O propósito da pesquisa foi analisar o uso das letras móveis no processo formal e inicial da alfabetização, por isso a escolha do 1º ano do Ensino Fundamental. Além disso, optou-se por escolher professoras que utilizam letras móveis, pois o foco da pesquisa é analisar como as professoras fazem uso das letras móveis e não se as utilizam. Ao todo, foram realizadas quinze entrevistas com professoras de nove escolas: sete municipais, uma estadual e uma federal. As entrevistas foram realizadas de forma individual e presencial na escola da entrevistada. Após as entrevistas, foram selecionadas três professoras que demonstraram abertura para observação em suas turmas e apresentaram interessantes propostas didáticas com letras móveis, mas como anunciado, as análises das observações serão aprofundadas em outros trabalhos.

A faixa etária das professoras entrevistadas varia entre trinta e cinquenta e cinco anos de idade. Quanto à formação inicial, quatro docentes fizeram magistério; sete cursaram Pedagogia em instituição pública e oito, em instituição privada; três professoras cursaram outras licenciaturas, como Letras, Psicologia e Educação Física. Em relação à pós-graduação, a maioria das docentes citou cursos de especialização *lato sensu*, enquanto três possuem mestrado e doutorado e uma não tem pós-graduação. A maioria das professoras investe e participa de formações continuadas, tanto aquelas oferecidas pela rede quanto as buscadas pela docente por conta própria. Elas têm entre sete e vinte e quatro anos de formadas.

Dentre as quinze professoras, cinco tinham menos de dez anos de experiência docente em sala de aula, enquanto dez já possuíam mais de dez anos. Muitas das docentes tiveram experiências em turmas de alfabetização logo no início de suas carreiras e permaneceram como alfabetizadoras ao longo de suas trajetórias. A maioria das professoras atua em dois turnos na mesma rede, sendo que apenas uma atua em diferentes redes municipais.

As entrevistas foram transcritas e foi utilizada a *análise de conteúdo* (Franco, 2018), que tem como foco o que é dito. Para a construção da análise, foram realizados os processos de categorização, descrição e interpretação dos dados. A categorização é considerada um processo criativo, que facilita e organiza a análise das informações (Moraes, 1999).

As categorias inicialmente delineadas no roteiro de entrevista foram ampliadas e modificadas durante a análise dos dados obtidos. O conteúdo foi organizado em quadros comparativos, destacando as respostas das professoras. Para cada categoria, foram examinadas as similaridades, complementaridades e divergências nas falas das docentes. A partir das contribuições das professoras, subcategorias foram criadas para abordar os pontos discutidos em cada categoria. Durante a elaboração do texto descritivo e analítico, foram selecionados exemplos de falas que representavam de forma abrangente os pontos a serem discutidos.

4 Resultados

Para organizar a apresentação dos resultados do conteúdo das entrevistas, foram estruturados quatro tópicos, a saber: motivações docentes para o uso de letras móveis; reflexões sobre as diferenças na escrita com letras móveis e escrita no papel; possibilidades em sala de aula (materialidade, frequência e propostas didáticas com letras móveis); e desafios no uso de letras móveis em sala de aula.

4.1 Motivações docentes para o uso de letras móveis

Todas as quinze professoras entrevistadas destacaram a importância do uso de letras móveis em turmas de alfabetização. Tendo em vista o valor que as docentes atribuem às letras móveis, quais são os motivos que levam as professoras a utilizar esse recurso didático em sala de aula? Elas ressaltaram aspectos que tornam as letras móveis um recurso interessante para o uso em turmas de alfabetização, tais como: o material é concreto, as atividades com letras móveis têm caráter lúdico e esse recurso didático proporciona o desenvolvimento de importantes habilidades de alfabetização.

O primeiro aspecto destacado diz respeito à importância do concreto para a infância; e as professoras apontaram como a materialidade das letras móveis contribui nesse processo. Elas ressaltaram a importância da representação física que o material possibilita, por tornar conceitos abstratos mais compreensíveis. Além disso, destacaram que a manipulação das

letras móveis, nesse processo de pegar, de sentir e de movimentar, envolve a criança, desperta o interesse dela pelo aprendizado e permite o desenvolvimento de uma memória tátil do formato das letras, como pode ser observado no relato a seguir:

Para eles, uma coisa que é mais tátil, que eles conseguem pegar, ver, visualizar, é melhor para poder entender do que só a escrita, até para eles entenderem o formato, como que é a letra, qual letra que é (Profa. Fernanda⁵).

O interesse das crianças pelos materiais manipulativos é apontado por Montessori (2017): “não é a imagem visual que traz o máximo de interesse à criança; para ela, é a sensação tátil” (Montessori, 2017, p. 212). Embora a manipulação física dos materiais seja relevante, não temos como pressuposto que a atividade com as letras móveis deva ser considerada como uma etapa anterior ou de preparação para a escrita no papel, apesar de essa perspectiva ter sido apontada por algumas das professoras entrevistadas. A atividade com letras móveis e a escrita no papel são trabalhos que podem ser realizados de forma complementar nas práticas alfabetizadoras.

O outro aspecto que traz motivação para o uso de letras móveis, citado pela maioria das professoras, foi o caráter lúdico proporcionado pela atividade com as letras móveis. Os elementos lúdicos que as professoras destacaram na utilização de letras móveis, dizem respeito ao prazer de brincar e de aprender, a dinamicidade das propostas didáticas, o envolvimento das crianças com o material e o protagonismo das crianças ao manipularem as letras móveis. Dessa forma, a ludicidade está presente nas propostas didáticas e na relação das crianças com o material, criando um contexto de deleite com a língua escrita:

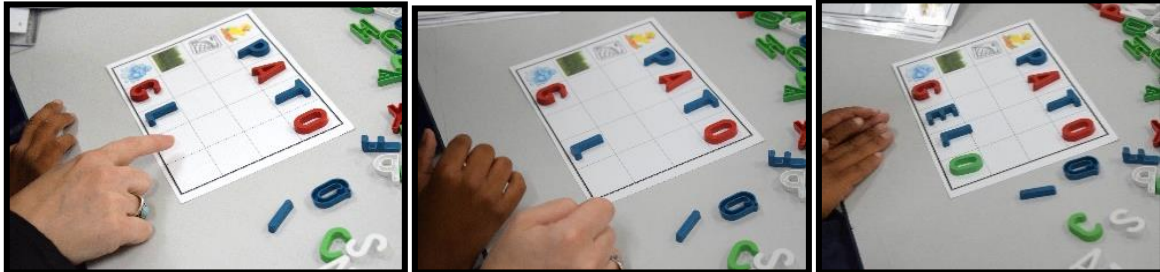
É uma leveza para as crianças se sentarem [sic], se organizarem [sic], centrar naquela tarefa que é viva, que é móvel, que dá uma mobilidade para ela e que ela se vê como protagonista. Não sou eu montando a palavra, não sou eu manuseando (Profa. Brenda).

A mobilidade das letras também facilita e contribui para essa leveza e essa dinamicidade. Em uma das propostas didáticas observadas em sala de aula, foi possível perceber a potencialidade da mobilidade das letras e da cartela de apoio para a escrita. A visualização dos espaços em branco e a reorganização da palavra de forma concreta, por meio

⁵ A identidade das professoras foi mantida no anonimato e foram utilizados nomes fictícios.

das letras móveis e da mediação pedagógica, possibilitaram que a criança refletisse sobre sua escrita de forma visível e eficiente, transformando a escrita inicial GL em GELO (Figuras 2, 3 e 4).

Figuras 2, 3 e 4 – Escrita com letras móveis da palavra GELO



Fonte: Autoria própria.

O terceiro e último aspecto destacado pelas professoras como motivação para utilizar letras móveis diz respeito ao fato de esse material possibilitar o desenvolvimento de importantes habilidades de alfabetização. Analisar as habilidades de alfabetização exploradas a partir do uso de um determinado recurso pedagógico é uma tarefa complexa, pois o uso que se faz está atrelado a um conjunto de fatores, tais como: a materialidade do recurso, o tipo de proposta didática utilizada e as estratégias de mediação desenvolvidas pela professora. Sendo assim, nem todas as habilidades de alfabetização citadas pelas professoras poderão ser desenvolvidas em todas as propostas didáticas com as letras móveis, pois dependerá do uso que se faz do recurso.

A maioria das habilidades citadas pelas docentes diz respeito à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), uma vez que envolvem o conhecimento das letras e do alfabeto, a consciência fonológica e grafofonêmica, e a escrita de palavras (Soares, 2020).

Dentre as habilidades de apropriação do SEA que as professoras citaram, o conhecimento/reconhecimento de letras foi o tópico mais mencionado, e as professoras especificaram os aspectos que as letras móveis exploram, a saber: a diferença entre letras, números e outros símbolos; o conhecimento do traçado e do nome das letras; o reconhecimento da letra minúscula de imprensa e de letra cursiva, com práticas de pareamento; e, o conhecimento da ordem alfabética. Montuani e Dutra (2021) também observaram essa habilidade sendo explorada no uso de letras móveis e afirmaram que

a mobilidade das letras móveis permitiu que as crianças se questionassem sobre as similaridades e diferenças entre as letras, fortalecendo a

compreensão de que elas possuem formatos fixos e que pequenas variações modificam sua identidade (Montuani; Dutra, 2021, p. 75).

Ainda em se tratando dessa habilidade, na observação em uma das salas de aula investigadas, uma das crianças estava confundindo as letras U e V na escrita da palavra “LUVA”, tendo escrito “LVUA”. Para auxiliar a criança na visualização correta, a professora as colocou lado a lado (Figura 5), destacando a diferença no traçado e relembrando os nomes das letras, que também estavam sendo trocados pela criança:

Figura 5 – Análise das letras V e U



Fonte: Autoria própria.

As docentes citaram também habilidades de consciência grafofonêmica que podem ser desenvolvidas com o uso de letras móveis. A consciência grafofonêmica pode ser definida como a “habilidade de relacionar letras ou grafemas da palavra escrita com os sons ou fonemas detectados da palavra falada” (Soares, 2016, p. 216). Uma das professoras destacou que a escrita de palavras com letras móveis explora a habilidade de relacionar fonemas e grafemas: “essa relação do fonema com o grafema é um dos primeiros que ela começa, vai pensando na primeira letra e você vê a hipótese de escrita aparecendo ali, é muito legal” (Profa. Elisa). A docente ressaltou aspectos importantes sobre a aprendizagem do SEA que as letras móveis podem proporcionar, a saber: o estabelecimento das correspondências grafofonêmicas e a conceitualização da escrita.

A forma escrita das palavras potencializa o desenvolvimento da consciência fonológica: “pesquisas feitas em outras línguas, além do inglês, têm demonstrado que sim, a notação escrita favorece a reflexão das crianças sobre as partes sonoras das palavras” (Morais, 2019, p. 66). Outros autores também confirmam que as letras podem facilitar a percepção de fonemas, porque levam “a criança a prestar atenção nos sons das palavras faladas, e um

símbolo visual diferente para cada fonema pode ancorar os fonemas perpetuamente” (Bus; Van Ijzendoorn, 1999, p. 412 apud Soares, 2016, p. 217).

A Profa. Alice resumiu várias possibilidades de exploração com as letras móveis: “fazer uma conexão de nomes parecidos, de som inicial, som final, essas habilidades todas de letra inicial, letra final, contagem de letras, contagem de sílabas, a questão fonêmica, essa consciência fonológica”. Outras professoras também citaram que ordenar as letras de uma palavra, com uma letra ao lado da outra, da esquerda para a direita, envolve o alfabetizando na direção e no alinhamento da escrita.

Sobre a escrita de palavras usando letras móveis, a escrita do nome próprio foi citada por grande parte das professoras. Além disso, algumas professoras também mencionaram que as letras móveis auxiliam na compreensão da estrutura da palavra e de diferentes padrões silábicos.

4.2 Reflexões sobre as diferenças na escrita com letras móveis e escrita no papel

Algumas habilidades de alfabetização podem ser exploradas tanto com as letras móveis quanto no papel, como aquelas que implicam no domínio das relações grafofonêmicas. Sendo assim, foi verificado se, na percepção das professoras, há diferença na reflexão das crianças quando escrevem com letras móveis e quando escrevem no papel, e em caso afirmativo, quais seriam essas diferenças.

Apenas uma professora afirmou que não vê diferenças na reflexão das crianças quando usam letras móveis e quando escrevem no papel. Ela disse: “quando a criança está focada na aula e está interessada em aprender, ela vai seguir mais ou menos o mesmo raciocínio” (Profa. Cecília). As demais professoras afirmaram que percebem diferenças e destacaram os seguintes elementos: com as letras móveis, não há o trabalho motor de traçar a letra e a necessidade de apagar a escrita; há a possibilidade de criar espaços a serem preenchidos na palavra, e as crianças se sentem mais seguras e abertas para a escrita. Cada um desses pontos será detalhado a seguir.

Grande parte das docentes destacou a diferença de que, com as letras móveis, não há o trabalho motor de traçar as letras como ocorre na escrita com papel. A Profa. Alice apontou: “No papel, eles focam tanto na escrita, em pegar o lápis, isso tudo envolve uma força ali, é outra habilidade”. A docente ressalta que a escrita no papel exige uma maior coordenação

motora e destreza no traçado das letras, habilidades fundamentais para a escrita, mas complexas no início do processo de alfabetização.

Outra professora mencionou que o fato de não precisar traçar as letras facilita a montagem das palavras: “Eles têm mais facilidade de montar a palavra, principalmente o nome, na ordem certa” (Profa. Fernanda). A facilidade da escrita com letras móveis pode ser justificada pelo fato de que as letras móveis “potencializam o trabalho cognitivo de montar/desmontar/remontar palavras, já que eles [os alunos] não têm que traçar letras, e sim selecioná-las num abecedário ou conjunto fornecido pelo adulto” (Morais, 2012, p. 187).

A segunda diferença ressaltada pelas professoras diz respeito ao fato de que, com as letras móveis, não há necessidade de apagar com borracha, o que demanda tempo e esforço. A Profa. Letícia resalta que, com as letras móveis, torna-se mais rica a mediação docente na troca de letras:

No papel ela vai e apaga... essa troca eu gosto sempre de voltar e fazer uma intervenção, ‘o que pode formar o P com A? E o G com A’, é mais rápido, sabe? Fica mais fácil dela compreender quando a gente faz esse manuseio da troca do que quando escreve no papel (Profa. Letícia).

Ela evidenciou que intervir nas escritas indicando a troca de letras em algumas palavras pode favorecer a reflexão grafofonêmica. Nessa estratégia, utilizando as letras móveis, torna o processo mais visível e mais rápido do que no papel. Além disso, as intervenções individuais podem ser um desafio em turmas numerosas, e o fato de não precisar demandar tempo apagando a escrita no papel facilita a mediação e pode favorecer as reflexões da criança.

O terceiro aspecto destacado sobre as letras móveis foi a possibilidade de criar espaços a serem preenchidos na palavra. Essa oportunidade é viabilizada pela mobilidade das letras, diferentemente do papel, onde essa facilidade é limitada. Os espaços na palavra a serem preenchidos com a letra móvel (Figuras 6 e 7) implicam na flexibilidade de rearranjos na escrita e permitem que as crianças se concentrem na estrutura da palavra.

Figuras 6 e 7 – Criação de espaço a ser preenchido na palavra



Fonte: Autoria própria.

O quarto e último ponto ressaltado por algumas docentes é a segurança para a escrita que as letras móveis proporcionam. A Profa. Elisa afirmou: “a criança que, às vezes, quando você dá uma folha para escrever e ela fala ‘não sei’, com as letras móveis geralmente ela vai tentar, ela vai arriscar um pouquinho mais a misturar as letras para poder tentar”. A afirmação da docente traz elementos importantes, pois, no papel, além de ter o trabalho motor de traçar as letras, a criança tem o trabalho de pensar na sequência de letras necessárias para a escrita da palavra e, nesse processo, ela pode, em alguns momentos, criar um bloqueio inicial, com tantos elementos a se pensar.

Com as letras móveis, a criança pode ser estimulada a arriscar e fazer mais tentativas de escrita, uma vez que o repertório de letras já está visível para ela. Como afirma Morais (2019), “o fato de o próprio aprendiz selecionar e ordenar letras ‘prontas’, que constituem unidades, ‘amplifica’ sua capacidade de pensar sobre a notação escrita e sua relação com os segmentos sonoros que ela substitui” (Morais, 2019, p. 187).

Sobre esse último tópico, uma das professoras apresentou um contraponto ao afirmar que não é apenas a escrita no papel que pode causar bloqueios; a escrita com letras móveis também pode, dependendo da proposta didática e do nível de escrita da criança. A docente ainda destaca a importância do olhar criterioso da professora, desenvolvido com a experiência, de forma que ela entregue as letras buscando favorecer a escrita da criança.

4.3 Possibilidades em sala de aula

Várias foram as possibilidades de uso de letras móveis em sala de aula elencadas pelas docentes participantes da pesquisa e, para essa discussão, foram organizados três tópicos, os quais abordam a materialidade, a frequência do uso em sala de aula e as propostas didáticas com as letras móveis.

4.3.1 Materialidade das letras móveis

Todas as docentes afirmaram que produzem o próprio recurso e algumas disseram que utilizam as letras móveis disponibilizadas pela escola. O papel, o plástico, a Espuma Vinílica Acetinada (EVA) e a madeira foram os materiais citados, sendo indicados com maior incidência o uso das letras móveis de papel e de plástico.

As professoras que fazem uso das letras móveis de papel utilizam duas principais fontes: folha impressa ou livro didático. A vantagem do papel, evidenciada pelas professoras, é a facilidade de acesso e de reposição das letras. Já a desvantagem do papel, é a pouca durabilidade; sendo necessário estratégias de plastificar, passar plástico adesivo (Contact) ou então colar em papel cartão mais grosso para que seja melhor aproveitado.

As professoras que utilizam as letras móveis de plástico justificam o uso pelo fato de a letra ser concreta, como afirma a Profa. Aurora: “a letra móvel como um material de plástico é muito mais útil. Eu acho que o primeiro contato no concreto, para eles passarem a mão, até sentir a forma da letra, é diferente, mas aí a gente tenta trabalhar com o que tem disponível”. Como apontou a docente, um desafio da letra móvel de plástico é o acesso na escola, pois nem sempre há potes disponíveis para o uso. Outra desvantagem do plástico, citada por outras professoras, é a questão da sustentabilidade, uma vez que o plástico é um material prejudicial ao meio ambiente.

Outras professoras utilizam as letras móveis de EVA: “O material que estou usando é um EVA super colorido, então acho que chama atenção” (Profa. Carolina). No entanto, algumas docentes apontam desvantagens do material: “O EVA[,] a gente sabe que é um plástico, um material que faz mal com o uso contínuo” (Profa. Thais).

Por fim, sobre as letras móveis de madeira, algumas professoras demonstraram preferência pelo material. Assim como as letras de plástico, as de madeira são menos disponíveis nas escolas, mas também são as mais duráveis, como diz uma das professoras: “acredito que pela minha experiência na educação infantil, quanto mais durável for o material, de madeira, é melhor para as crianças manipularem” (Profa. Thais).

4.3.2 Frequência do uso de letras móveis

Embora não tenha sido observada a prática de todas as docentes, nas entrevistas, a maioria das professoras (87%) afirmou que, semanalmente, faz uso das letras móveis, com

variação do número de vezes por semana. E todas afirmaram que utilizam as letras móveis mais no início do ano, no primeiro semestre.

Algumas das professoras que utilizam com maior frequência destacam a importância da criação de uma rotina de uso de letras móveis em sala de aula, como pode ser observada na seguinte fala: “a gente já tem que construir com eles uma rotina de uso, para aos poucos eles irem colocando isso na ordem do dia mesmo, passa a ser um recurso como o lápis e o papel” (Profa. Elisa). Outra docente destaca que a frequência do uso varia conforme o perfil da turma, a demanda da sala e outras questões que envolvem o cotidiano escolar.

As professoras que utilizam esporadicamente justificaram pelo fato de a atividade demandar tempo e a rotina ser corrida. Outras utilizam nas brechas do tempo escolar, sem um planejamento mais específico.

4.3.3 Propostas didáticas com letras móveis

As propostas didáticas com letras móveis mais citadas pelas professoras foram: escrita do nome próprio e do nome dos colegas; análise da palavra; ditado; organização das letras em ordem alfabética; autoditado; pareamento de letras e lista de palavras.

Algumas professoras mencionaram o uso de letras móveis aliado a outros recursos didáticos, tais como: jogos (jogo da memória; bingo; palavra dentro de palavra; jogos digitais), atividade em folha (palavra cruzada; atividade de consolidação), caderno, cartela de loto-leitura, livro didático, aparelhos tecnológicos (computador, projetor, tela digital), livros de literatura (livro narrativo, livro-alfabeto), massinha, jornal ou revista para recorte. Outras, apontaram que não utilizam as letras móveis com outros recursos didáticos ao mesmo tempo, optando trabalhar só com o recurso das letras móveis na mesa.

Há diversas formas de organizar a turma para o manuseio de letras móveis. As professoras apontaram as seguintes maneiras: individualmente ou em pequenos grupos/duplas: “Nesse início, até para a gente conhecer as crianças, tem que ser a mesma proposta, mas individual, cada um com o seu material. Depois, eu começo a colocar em duplas, mas eles precisam ter o material e saber manipular” (Profa. Aurora).

Sobre o manuseio de letras móveis em grupos/duplas, algumas docentes destacaram que gostam da interação entre pares: “Trabalhar em grupo e mesmo em dupla, você tem o processo de um ajudando o outro, então dá paridade” (Profa. Lívia). Para a formação dos grupos e duplas, uma das professoras citou a importância de a professora conhecer o nível de

cada criança e organizá-las de modo a garantir uma boa interação, em que todos tenham a oportunidade de pensar e refletir. A respeito desse ponto, Jardim (2018) também reforça, ao observar que o uso de letras móveis contribui para o trabalho colaborativo e o conflito de ideias: “ao ver como o colega estava pensando sobre como era a escrita de alguma palavra, a criança questionava, especialmente, se estava pensando diferente sobre essa escrita, o que resultava em conflitos de ideias” (Jardim, 2018, p. 99). Os relatos mencionados remetem ao socio-interacionismo de Vygotsky (1991), que enfatiza a aprendizagem como um processo social e colaborativo.

4.4 Desafios no uso de letras móveis em turmas de alfabetização

Muitos foram os desafios citados no uso desse recurso pedagógico, e o primeiro está relacionado à parte burocrática do acesso às letras móveis oferecidas pela escola: “se você não pedir, cobrar, é tudo muito burocrático (...). Você tem que escrever projeto, ele tem que ser aprovado, porque a prova vai para a SMED, depois tem que fazer orçamento” (Profa. Alice). A docente apontou a demora para obter os recursos pedagógicos na escola. Diante dessa realidade, as professoras produzem o próprio material e é interessante perceber que todas as docentes afirmaram que produzem as letras móveis para a turma, tendo na escola ou não.

Algumas docentes apontaram que, nem sempre, é possível produzir as letras móveis no horário de planejamento na escola, devido à falta de tempo e recursos: “acaba que é mais fácil você produzir, pegar seu conteúdo disponível na sua casa, na sua impressora, na sua plastificadora” (Profa. Alice). Sobre a produção das letras móveis em casa, surge o desafio do trabalho extraclasse, que, frequentemente, não é devidamente remunerado: “em casa a gente não está recebendo pra isso, é bem complicado” (Profa. Rute).

O armazenamento das letras móveis também foi identificado como um desafio significativo. Uma das professoras observou que seu armário na sala está constantemente cheio com o material das crianças, não deixando espaço para mais recursos didáticos. Como resultado, as letras móveis precisam ser armazenadas na coordenação: “toda vez que eu ia usar letras móveis eu tinha que pedir na coordenação e isso me demanda tempo. Ou então eu tenho que passar lá antes, na hora que eu chego e é uma correria danada” (Profa. Letícia).

A durabilidade das letras móveis também foi considerada um desafio: “o papel tem uma durabilidade, uma vida, na mão da criança muito pouca. Eu tenho consciência disso, mas infelizmente, é o material que eu tenho para trabalhar” (Profa. Beatriz).

A organização para o manuseio das letras móveis foi outro desafio citado: “é um material que a gente precisa distribuir, recolher; essa organização a gente sente que às vezes desestimula algumas pessoas a usarem” (Profa. Elisa). Outra professora destacou que, com a constância do uso, as crianças entendem a organização e como funciona o manuseio das letras móveis, o que facilita o processo.

Outro desafio destacado pelas professoras foi a falta de cuidado com o material: “não tem letras móveis, por exemplo, e quando tem também, não cuida, aí perde, não consegue usar, então fica um material que é inutilizado e fica faltando, então a gente tem esses entraves” (Profa. Beatriz). Como o material é compartilhado com diversas turmas da escola, algumas docentes apontaram que nem sempre há o devido cuidado, muitas letras se perdem e estragam e, constantemente, não há material de qualidade e com quantidade suficiente para toda a turma. Algumas professoras destacaram a necessidade de alertar as crianças para cuidar do material: “é a questão de ‘gente, ó tem letra no chão, gente, vocês estão perdendo as letrinhas” (Profa. Carolina); “com as minhas crianças que são público-alvo da educação especial, o desafio tem sido comê-las” (Profa. Brenda).

Além dos desafios na questão material, as docentes mencionaram o desafio do planejamento de propostas significativas com as letras móveis: “O maior desafio mesmo é criar algumas atividades, propostas que sejam significativas pra eles” (Profa. Rute). Considerando o ato de planejar como um agir didático (Messias; Dolz, 2015), pode ser um desafio para os docentes transpor os conceitos teóricos e as propostas curriculares para o contexto da sala de aula e, ainda, articular propostas didáticas que sejam significativas para as crianças, e não apenas aos olhos do professor. Além disso, apenas selecionar os materiais a serem utilizados na aula não é suficiente; é preciso haver contextualização, intencionalidade, planejamento das mediações e a “antecipação dos possíveis obstáculos a ser enfrentados pelos aprendizes quanto ao objeto de ensino” (Messias; Dolz, 2015, p. 55).

Sobre o desafio do planejamento, algumas docentes apontaram que buscam indicações de propostas didáticas com colegas ou utilizam a internet como uma fonte de ideias. A professora Fernanda apontou as adaptações necessárias no planejamento: “às vezes eu planejo alguma coisa e chega na hora e não dá certo, então a gente às vezes planeja um pouco além, mas aí vai adaptando”.

Ainda em se tratando das estratégias didáticas, manter um equilíbrio das dimensões lúdica e didática na exploração das letras móveis também é colocado como uma questão

desafiadora: “esse é o desafio: tentar motivá-los para não apenas utilizar aquilo como uma brincadeira, mas como algo para a construção da aprendizagem” (Profa. Sophia). Ao mesmo tempo que as docentes reconhecem que as propostas didáticas com letras móveis podem ter um caráter lúdico, elas ressaltam a dimensão didática na exploração das letras móveis.

Por fim, os últimos desafios destacados correspondem à gestão da sala de aula, no que diz respeito à organização dos momentos de mediações pedagógicas:

as primeiras vezes que a gente faz é um desastre, você fala ‘nossa, não deu nada certo, não consegui fazer intervenção’ (...), mas à medida que você vai fazendo, aí vai começando a funcionar melhor e eles também vão se acostumando (Profa. Cecília).

A gestão da sala de aula e a realização das mediações se tornam um desafio ainda maior com as turmas heterogêneas: “um está lá já quase silábico, o outro já estava alfabético; e aí, como que você volta lá pro pré-silábico, pro início da formação das palavras, da consciência do som” (Profa. Beatriz). Algumas professoras apontaram que organizam as crianças em agrupamentos produtivos, para auxiliar a professora no momento da realização de mediações mais individualizadas.

E ainda há o desafio da agitação das crianças, como pode ser percebido nas falas a seguir: “eles conversam mais, às vezes se levantam mais do lugar, porque ficam querendo ver o do colega, ver se tem a letra que está precisando” (Profa. Elisa). Outra professora destacou algumas estratégias para favorecer a participação das crianças, de forma mais tranquila e engajada, como permitir inicialmente a exploração livre do material para, posteriormente, orientar a proposta, conforme o relato a seguir: “eu preciso primeiro apresentar para os meninos e deixar eles manusearem à vontade, porque eles ficam muito curiosos e agitados, para depois eu realmente aplicar” (Profa. Letícia). A docente ainda relacionou a agitação das crianças ao fato de a proposta com letras móveis ainda não ser uma prática constante na rotina da turma: “talvez o problema meu foi mais nesse sentido, como não era uma coisa constante no dia a dia, os meninos sempre ficam muito agitados”.

Tendo em vista todas as questões pontuadas, é necessário buscar estratégias que não apenas estimulem o engajamento e a participação ativa dos alunos nas aulas, mas também aprimorem a eficácia do trabalho pedagógico. Apesar dos diversos desafios, as professoras demonstram soluções para enfrentamento e contorno das situações adversas, por exemplo: confeccionar as próprias letras móveis; buscar indicações de propostas didáticas com colegas

professoras ou na internet; ter constância no uso das letras móveis em sala de aula; e trabalhar com agrupamentos produtivos.

5 Considerações finais

As entrevistas com as professoras revelaram uma perspectiva rica sobre o uso das letras móveis como recurso didático para alfabetização. As considerações das docentes enfatizaram o valor das letras móveis, destacando sua natureza concreta e lúdica, e como o recurso promove o desenvolvimento de habilidades fundamentais de alfabetização, corroborando com Morais e Leite (2005), que afirmam que, ao manipularem as letras móveis, “os aprendizes vivem de forma ainda mais explícita uma série de propriedades do sistema alfabético” (p. 85).

Além disso, as professoras destacaram que o uso das letras móveis permite que as crianças se concentrem mais nas correspondências grafofonêmicas, sem o ônus do trabalho motor de traçar e de apagar as letras. As propostas didáticas mencionadas pelas professoras evidenciam o potencial das letras móveis e a maneira como as professoras organizam as crianças para usar as letras móveis também demonstra as possibilidades de uso do recurso.

As entrevistas também revelaram uma série de desafios associados ao uso das letras móveis, incluindo questões relacionadas ao acesso, produção, armazenamento e durabilidade do material, além de desafios pedagógicos, como o equilíbrio entre as dimensões lúdica e didática e a elaboração de um planejamento e mediações significativas que indicam a importância de mais pesquisas e reflexões que propiciem um avanço nos conhecimentos docentes sobre o potencial de um uso intencional, planejado e mediado de recursos didáticos que favoreçam o processo de alfabetização das crianças.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Edijane Pereira de. **A fabricação das práticas de ensino na alfabetização e o uso dos recursos didáticos**: rotina, atividades, planejamento e princípios norteadores. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.

ARAÚJO, Liane Castro de. **A dimensão material da ação e formação de alfabetizadores**. Rio de Janeiro: Revista Contemporânea de Educação, v. 13, n. 27, maio/ago, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20500/rce.v13i26.16617>

EITERER, Carmem Lúcia; MEDEIROS, Zulmira. **Recursos pedagógicos**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. Dicionário GESTRADO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/verbetes/recursos-pedag-gicos/>>. Acesso em: 27/07/22.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Campinas: Autores Associados, 2018.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

JARDIM, Juliana Mendes Oliveira. **Relatos e reflexões de uma alfabetizadora sobre sua prática: trabalho colaborativo e heterogeneidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexandre. (Orgs.). **Recursos didáticos e ensino da língua portuguesa: computadores, livros...e muito mais**. Curitiba: CRV, 2011. DOI: <https://doi.org/10.24824/978856248079.9>

MACÊDO, Andressa Camargos. **A mediação pedagógica na Escrita Inventada e o uso das letras móveis com crianças de cinco anos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MESSIAS, Carla; DOLZ, Joaquim. **As noções de gestos e de agir didático para a formação de professores de línguas: interfaces do trabalho docente**. São Paulo: CadernosCenpec, v. 5, nº1, 2015. DOI: <https://doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v5i1.319>

MONTESSORI, Maria (1948). **A descoberta da criança: pedagogia científica**. – Campinas: Kírion, 2017.

MONTUANI, Daniela Freitas Brito e DUTRA, Natália Marcelino. **Os usos das letras móveis em um Programa de Escrita Inventada com crianças de cinco anos**. In: MONTUANI, Daniela Freitas Brito et al. Grupo de Pesquisa em Alfabetização e o Programa de Escrita Inventada. Belo Horizonte: UFMG/FaE/Ceale, 2021.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, v. 22, n. 37, Porto Alegre, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de; LEITE, Tânia Maria Rios. **Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos?** In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges; LEAL, Telma Ferraz (org.) Alfabetização: apropriação do sistema de escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. Como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos Ltda., 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização**. 1º Ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

NETO, Paula Faustino. **A percepção de docentes sobre o processo de ensino aprendizagem dos alunos do 1º e 2º anos do ensino fundamental: proposições**

pedagógicas significativas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Metropolitana de Santos, São Paulo, 2019.

PAIVA, Maria Aparecida Ferreira de. **Escolarização da criança com TEA a partir do uso do alfabeto móvel organizado.** Dissertação (Mestrado em Docência para Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2019.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

STARLING, Cláudia. **Recursos Pedagógicos.** In: Letra A – O jornal do alfabetizador. Dicionário da Alfabetização, ano 12, nº 46, p. 3. CEALE, Belo Horizonte, mai/ jun, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovivh. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Artigo recebido em: 27/04/24 | Artigo aprovado em: 13/06/24 | Artigo publicado em: 10/07/24